

A crítica fronteiriça de Hernâni Donato em Selva Trágica

SOARES Jr., Avelino Ribeiro / Universidade Federal da Grande Dourados - avelinoletras@gmail.com

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco / Universidade Federal da Grande Dourados - paulonolasco@ig.com.br

Eje: Literatura Latinoamericana

Tipo de trabajo: ponencia

» *Palavras-chave: Literaturas de Fronteiras – Regiões culturais - Hernâni Donato*

› *Resumo*

Este trabalho se propõe à reverificação do conceito teórico-crítico de produções literárias, que, segundo a perspectiva do comparatismo latino-americano, têm caracterizado um amplo espectro de “regiões” (zonas) literárias, eixos de encontro e de diferentes matizes sob a chave da cor local, onde o rótulo de “região” ou regional encontra-se com o de “localidade”, enunciações de lugares. O projeto literário de Hernâni Donato é tomado como eixo de análise, uma vez que o escritor não só escreve deste lugar da fronteira Brasil-Paraguai como também redimensiona processos interliterários e de literaturas de fronteiras. A expressão da interculturalidade, na poética do escritor sul-mato-grossense, resulta na materialidade de um texto em condição de hibridismo da língua na fronteira do brasileiro Mato Grosso do Sul com o Paraguai. Dentre os objetivos, destaca-se a recuperação da bibliografia sobre o escritor, com vistas à valorização de sua fortuna crítica. A partir disto, queremos pontuar aspectos relevantes acerca do tema, objeto de pesquisa que nos ocupa há algum tempo, destacando inclusive alguns dos títulos que se agregam à fortuna crítica do autor de *Selva Trágica*. Importante lembrar o falecimento de Hernâni Donato, em 2012, que, malgrado o fato, coincidiu com a reedição de *Selva Trágica*, a obra que o imortalizou. Vários foram os estudiosos e escritores que reconheceram o papel da obra de Donato, tanto para a história regional sul-mato-grossense, quanto para os estudos de interculturalidade, de fronteira, e para o sentido de sua contemporaneidade como relato e denúncia das narrativas e das histórias locais, que redimensionam o lugar da historiografia literária no subcontinente.

› *Relatos de uma Interculturalidade*

Do ponto de vista da crítica literária e cultural, as obras de Walter Mignolo (2003), de Édouard Glissant (2005) e de Beatriz Sarlo (2007) [trad. Jorge Luis Borges, um escritor na periferia. S.P., Iluminuras, 2008] reafirmam um lócus de enunciação cujo pensamento pós-colonial resulta em enfática proposta direcionada ao lugar do compromisso e/ou ao compromisso com o lugar, referindo-se assim aos estudos literários na América Latina, na atualidade.

Por sua vez, Zulma Palermo problematiza a noção de “literatura” e o lugar que se lhe atribuiria no terreno da “interculturalidade” entendida como operação política de descolonização. Dois aspectos parecem fundamentais à análise da crítica: primeiro, o de uma hermenêutica pluritópica, que, ao

‘pensar en lenguas’, es decir, en colocar también en simetría las distintas lenguas en uso sin establecer jerarquías de poder entre ellas.”, a qual “posibilita la articulación entre distintas formas de conocimiento y de comprensión a partir de la aceptación de la existencia de la diversidad de la experiencia, de los distintos procesos de formación sociocultural – y por ende lingüística – (PALERMO, 2005, p.174)

e segundo, o de uma hermenêutica comparatista, que, de acordo com a crítica:

instaura una reciprocidad cultural, una interacción plural, que induce conocimiento a partir del contacto con otra(s) cultura(s). El comparatista, entonces, es un intérprete que, utilizando métodos y procedimientos pertinentes a los textos culturales y a los discursos sociales que lee, se localiza en el entre de las culturas y de sus producciones simbólicas que contrasta para colaborar en su comprensión. (PALERMO, 2005, p. 174).

Dentro do amplo painel geográfico que constitui o caráter matizado da discussão acerca do regionalismo no subcontinente, interessa-nos discutir a situação de uma região cultural em particular: a região denominada “caminhos da fronteira”, no Sul do estado de Mato Grosso do Sul com o Paraguai. A reflexão a partir deste lócus justifica-se por um processo de formação cultural particular que, temperado por outros processos culturais diversificados, oferece-se hoje como um rio caudaloso a reunir o próprio e o alheio, num produtivo universo cultural, de interculturalidade, constitutivo de um receptáculo para os estudos regionais, culturais e interculturais.¹

Busca-se assim sistematizar um espaço fronteiriço, cujo delineamento traduziria a vinculação daquelas práticas com o contexto sociocultural que as propiciou, mediante o

¹Para o percurso inicial destas reflexões, remetemos para os trabalhos de CARVALHAL (2003); DINIZ; COELHO (2005), e principalmente SANTOS (2008, 2011, 2012).

estabelecimento de um solo (chão) cultural particular, ou, de outra forma, com o lugar / lócus de enunciação das diversas formações discursivas compondo os loci de investigação. Tanto é assim que, vários textos, de natureza literária ou não, podem ser lidos segundo construto de “referência” destes topos.

Observa-se o fato de que representativa bibliografia, resultado do nosso Projeto de pesquisa, já pode ser registrada. Assim, destacam-se, dentre outros, os trabalhos intitulados “Regionalismo e literatura sul-mato-grossense na fronteira Brasil-Paraguai”², “Viventes dos pantanais e cerrados”³, “Fronteiras do Local: O Conceito de Regionalismo nas Literaturas da América Latina”⁴.

Enfim, a teoria e a crítica literárias e culturais contemporâneas chamam a atenção para a reavaliação e “perlaboração” da historiografia canonizada, ao destacarem fluxos e refluxos nas modernidades tardias e no próprio “arquivo” latino-americano. Como demonstra o especialista Wander Miranda, em “Local / Global”:

Como contrapartida à hegemonia político-cultural dos centros metropolitanos internos e externos, a consciência de quem chega tarde na história do progresso e do novo, quando o moderno parece já estar consumado, reverte a ansiedade do atraso e do débito a favor de uma construção conceitual a posteriori, que seja capaz de dar conta de elaborar conexões alternativas da arte com a política, da cultura com a vida social. (MIRANDA, 2010, p. 171)

Daí que, a proposta da I Bienal de Artes Visuais do Mercosul, realizada em 1997, em Porto Alegre, propiciou condições para repensar a questão do regionalismo frente à legitimação das identidades no mundo globalizado. Quer dizer, reconhece-se que a globalização não anula as diferenças nos processos de criação e desenvolvimento cultural e econômico, nem, tampouco, os esforços de afirmação do regional:

Ou seja, o regionalismo, tanto na arte como na economia, é um caminho para enfrentar a globalização. Se queremos reescrever a história da arte latino-americana, precisamos, antes, afirmar a originalidade de nossa arte e nossa autonomia criativa. Vale dizer, primeiro, nos afirmarmos internamente, regionalmente. Contudo, a questão, hoje, é menos de afirmação de uma identidade utópica ou abstrata, afinal, como a Europa e os Estados Unidos, somos plurais, diversos, multifacéticos, contraditórios. A questão é de legitimação. (MORAIS, 2002, p. 63) Ou, ainda, como enfatiza o ensaísta, citando Mari Ramírez: se no passado a preocupação era com a “neurose da identidade”, hoje a preocupação com ela deixa de ser uma prioridade: “O eixo modular, hoje, são as relações de poder entre o Primeiro e o Terceiro Mundo. A identidade não se impõe nem se afirma, mas se negocia. A crise não é de identidade, mas de legitimação destas identidades o âmbito global.” (apud MORAIS, 2002, p. 63).

2 IX JALLA Brasil-Jornadas Andinas de Literatura Latino-americana: integração e interlocução, 2 a 6/08/2010, *Anais...* Niterói-RJ. p. 1607-1611.

3 V GELCO- Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste. 27 a 30/09/2010. *Anais...* In: *Revista Raído*. Dourados. Editora UFGD, 2010, p. 93-108.

4 VI Seminário de Literatura, História e memória: Literatura e cultura na América Latina. Unioeste/Cascavel, 2009. Disponível em: <<http://revista.unioeste.br/index.php/rlhm/issue/view/265/showToc>>. Acesso em: 17 out. 2014.

Deste ponto de vista, a noção de diálogo de culturas, entre culturas, traduziria espontaneamente a prática de “interculturalidade”, no nível de reflexão, onde relações literárias e culturais realizam-se em contatos, zonas de contato, como observa o comparatista ao pensar o papel dos intermediadores e da mediação cultural: “À reflexão sobre a literatura, convém igualmente integrar a noção de ‘zonas’. O espaço zonal é um conjunto heterogêneo, reiteradamente plurilíngue e multinacional; ele obriga à redefinição e ao retraçado de fronteiras não apenas linguísticas, mas também na esfera do imaginário.” (PAGEAUX, 2011, p. 203). A interculturalidade torna-se uma situação de base que nos obriga a pensar relações num espaço de pluriculturalidade, assim ilustrada na visão de García Márquez (1982) traduzindo o espaço caribenho:

En la región donde nací hay formas culturales de raíces africanas muy distintas a las zonas del altiplano donde se manifiestan culturas indígenas. En el Caribe, al que pertenezco, se mezcló la imaginación desbordada de los esclavos negros africanos con la de los nativos precolombinos y luego con la fantasía de los andaluces y el culto de los gallegos por lo sobrenatural. (apud PAGEAUX, 2011, p. 209)

A citação reforça a ideia de que a literatura e a arte intervêm na representação do mundo em que vive uma comunidade, cuja mediação cultural “nos leva a considerar os escritores que, num dado espaço, recriam outros circuitos, outros itinerários para as trocas entre culturas (p. 204). Assim, segundo o crítico, torna-se necessário lembrar o aforismo pelo qual o escritor português Miguel Torga se tornaria imortal: “o universal é o local sem os muros”, ou, segundo as palavras com as quais o escritor batizaria sua província: “Agrada-me ser o porteiro de meu Reino” (p. 145).

A partir dessas considerações, queremos pontuar aspectos relevantes acerca do tema, destacando inclusive alguns dos que hoje se agregam à fortuna crítica do autor de *Selva Trágica*. Desta edição, destacam-se as palavras de Nicodemos Sena, em Nota do Editor, acrescentadas como “posfácio” ao diferenciado volume, cuja capa traz o título em letras vermelhas sobre um sugestivo fundo escuro:

“A crítica foi unânime em considerar *Selva Trágica* um alto momento da ficção brasileira; um livro capaz de colocar seu autor entre os maiores escritores do Brasil. “Romance másculo, forte, bárbaro, como bárbara era a selva, como bárbaro era o trabalho nos ervais. É esse de Hernâni Donato” (Temístocles Linhares, no livro *História Econômica do Mate*, José Olympio Editor, RJ, 1960). “*Selva Trágica* é uma história como nunca foi escrita em nossa terra” (Arthur Neves, in *Revista Anhembi*, SP, 1961). “Documento eloquente, de notáveis revelações, de alto poder comunicativo, obra de grande valor estilístico. [...] Em suma: constitui um dos mais altos momentos da novelística de conteúdo social no Brasil” (Fábio Lucas, in *O Caráter Social da Literatura Brasileira*, Ed. Paz e Terra, RJ, 1970, Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro).

Alguns críticos, como Abdias Lima (“*Correio do Ceará*”, 2/2/1977, Fortaleza, CE), aproximaram Hernâni Donato de Erkin Caldwell e John Steinbeck, a geração norte-americana da revolta, o Caldwell de *Chão Trágico* e o Steinbeck de *As Vinhas da Ira*.

Por seu poder comunicativo e eloquência como documento, *Selva Trágica* é um dos livros

que melhor representam o caráter social da literatura brasileira.
Taubaté, 30 de julho de 2011. N. S.⁵”

Ao lado desse breve histórico, passamos à exposição de um painel que julgamos inovador do ponto de vista da articulação que procuramos imprimir a esta investigação. Trata-se de proceder não só ao levantamento de referências que compõem a fortuna crítica de Hernâni Donato, mas com maior relevância de revisitar esta fortuna crítica, dentro de um período de aproximadamente cinquenta e cinco anos (1956-2011), portanto, desde a primeira edição de sua obra mais reconhecida.

Assim, esta proposta de leitura incide sobre *Selva Trágica*: a gesta ervateira no sulestematogrossense de Hernâni Donato, (romance-documentário), das mais representativas dentre as da literatura regional brasileira, em especial da sul-mato-grossense, destacando-se as cinco edições subsequentes. A obra tem como temática fundamental a vida na selva e as tragédias daí decorrentes, envolvendo homens inominados, seres sem identidades, enterrados na selva verde dos ervais no extremo sul do estado de Mato Grosso do Sul, associado ao caráter documental que revela o olhar preocupado do escritor/romancista com as questões sociais de um tempo obscuro que propomos trazer à luz, sobretudo quando consideramos a antiga edição desta obra. Nesta narrativa, lê-se o relato que retrata as primeiras décadas do século XX, narrando sob a perspectiva dos subalternos a saga dos trabalhadores dos ervais sul-mato-grossenses, na fronteira Brasil-Paraguai. Em outras palavras, como afirma o próprio Donato, *Selva Trágica* mostra uma realidade extremamente trágica, sobretudo “sob o ângulo dos que a suportaram mais rudemente: mineiros, changa-y, marginais, pequenos funcionários” (DONATO, 2011, p. 14), subalternos que viviam às margens, que não eram vistos e nem seus gemidos ouvidos, não havendo, assim, quem os socorresse. De acordo com o estudioso da literatura sul-mato-grossense, há que ressaltar a importância de Hernâni Donato para um valioso registro do Ciclo da Erva Mate. Ao comentar sobre *Selva Trágica*, o crítico assim destaca as fortes cores desta saga romanesca:

[...] retrata as primeiras décadas do século XX, representando sob a perspectiva dos “subalternos” a história dos que trabalhavam para a empresa estrangeira Maté Laranjeira, onde a personagem principal resulta sendo a própria erva mate. A partir daí, a narrativa torna-se um monumento que registra a história da região sob a perspectiva do Outro, dos que trabalharam e construíram a base da civilização e da cultura na região de fronteira Brasil-Paraguai, só parcialmente lembrados nas numerosas estatísticas dos que contribuíram na construção de um dos maiores feitos de empreendedorismo na região. (SANTOS et al, 2011, p. 28)

5 Cf.: Nota do Editor: “Hernâni Donato e sua obra”. In: Posfácio a *Selva Trágica* (DONATO, 2011, p. 285-287) (Grifos Nossos)

Selva Trágica, representativo romance do período conhecido como ciclo da Erva Mate, que compreende um movimento econômico inaugural do empreendedorismo na região sul do estado de Mato Grosso do Sul, traduz-se no mais forte relato de denúncia desse movimento que teve início por volta de 1882, sendo um dos seus principais nomes Thomaz Laranjeira, a quem foi concedida a permissão para explorar o mate nos ervais nativos da região. Porém, há que dizer que este é também um período de muitos nomes, identidades e vozes silenciadas, sujeitos apagados no “mar verde da selva”, trágica selva que marca com ares de pujança o início de uma região formada pelo mosaico de identidades múltiplas, resultantes do trânsito entre fronteiras regionais, culturais, linguísticas, geográficas, étnicas, econômicas, etc.

Acerca da personagem protagonista de Donato, ou seja, a própria selva e o peão dos ervais, Zokner (1991) denuncia a realidade do Mensu, o peão que chegava ao Brasil para trabalhar nas “obragens”, nas lidas da erva mate e das matas brasileiras, um ser de identidade perdida, subterraneamente sem remissão:

Um caminho que é, no entanto, sem volta, porque nas cidades onde se realizava o conchavo existia, ainda, alguma lei, algum simulacro de autoridade; porém, apenas embarcados, ficavam à mercê dos obrageros e de seus capatazes. ‘Logo que embarcavam para o Alto Paraná, os paraguaios, já de início, começavam a sentir os efeitos do domínio de uma obrage’. Assim, uma das primeiras agressões a que estavam sujeitos era a de serem desarmados, sendo surrados, já na viagem, aqueles que por esta ou por aquela outra razão protestassem. ‘Mas já não tinha jeito, o vapor não voltava mais’. (ZOKNER, 1991, p. 104)

Com efeito, esta denúncia está presente na narrativa como um todo, na qual se lê o agenciamento através de promessas falsas de uma riqueza facilmente conquistada; quando os peões se davam conta eram, já no início, devedores dos seus novos patrões: “... éramos simples bugres, pelados, no meio dos ervais, que têm de pedir facão, sal, fósforos, algumas roupas, farinha e charque, para poder trepar na erveira, podá-la e fazer erva.”⁶ Sobre a relevância desta obra, seria suficiente uma das mais contundentes observações críticas, como a de Fábio Lucas, em ensaio “Na selva selvaggia da criação”, prefaciando a edição de 2011, que assim destaca sua importância para a literatura brasileira:

Livro de inegável valor literário é Selva Trágica, de Hernâni Donato. O tema social continua sendo a exploração humana no campo. O cenário é o sudeste de Mato Grosso. Trata-se da produção da erva-mate, quando os ervais eram aproveitados por uma Companhia que deles tinham o monopólio. O romance, a par do relato da vida degradada dos ervateiros e mesmo dos satélites da

⁶ A citação, ilustrativa, aparece como epígrafe de “O Drama do Mate”, de Antônio Bacilla, que compõe a página de abertura de *Selva Trágica*, de Hernâni Donato.

Companhia, conta paralelas histórias de amor [...], episódios de fuga e consequente caçada humana. Documento eloquente, de notáveis revelações, de alto poder comunicativo e obra de grande valor estilístico, Selva Trágica mostra as dantescas condições de trabalho da região. (apud DONATO 2011, p. 83)

Caracterizado como um romance de fundas raízes históricas, Selva Trágica é fruto das pesquisas e reflexões do Donato “historiador”, trazendo à clara e eternizando em sua obra um escuro período de exploração humana na região sul do estado. De acordo ainda com a professora Nelly Novaes Coelho, que escreve na “Aba” do livro, Donato fora

Tocado pelas novas diretrizes da criação literária e obedecendo à natureza complexa da matéria humana/histórica visada, Donato cria o mundo de Selva Trágica, expressando-o através de uma complexa linguagem narrativa – verdadeiro amálgama da língua portuguesa com o linguajar guarani, então falado na região. (Daí a necessidade das Notas de Rodapé). (apud DONATO, 2011, p. 1)

Tais observações mostram, sem dúvida, a realidade híbrida em que está fundada esta região cultural que lhe serviu de pano de fundo. Relançada em novembro de 2011, Selva Trágica marca compasso com diversas outras obras do regionalismo brasileiro que mereceram novas publicações, sinalizando talvez para uma atenção mais cuidadosa ou de revisionismo por parte da historiografia literária brasileira e no subcontinente latino-americo. Com efeito, destaca-se o valor representativo que a obra de Donato ganhou nas reflexões do crítico Seymour Menton (1993), particularmente em La Nueva Novela Histórica de la América Latina 1979-1992, ou seja a NNH, na qual Menton caracteriza a prosa do período, enfatizando a heteroglosia, ou a multiplicidade de discurso, que marca a NNH, assim distinguindo-a:

Los conceptos bajtinianos de lo dialógico, lo carnavalesco, la parodia y la heteroglosia. De acuerdo con la idea borgeana de que la realidad y la verdad históricas son inconocibles, varias de las NNH proyectan visiones dialógicas al estilo de Dostoievski (tal como lo interpreta Bajtín), es decir, que proyectan dos interpretaciones o más de los sucesos, los personajes y la visión del mundo. (MENTON, 1993, p. 44)

Em seguida, Menton explicita as relações de efeito dessas narrativas, incluindo aí a obra do paraguaio Roa Bastos e a do próprio Hernâni Donato:

[...] la NNH se distingue de la novela histórica tradicional por su mayor variedad. El alto nivel de historicidad en Yo el Supremo, El mar de las lentejas y Noticias del imperio distingue estas tres novelas de otras donde el autor le da más soltura a su imaginación, como las novelas seudohistóricas Terra nostra y Los perros del Paraíso, [...] (MENTON, 1993, p. 45)

Desta perspectiva, a obra de Hernâni Donato faz crescer o interesse de estudiosos, ora pelo caudal cultural e a natureza híbrida de suas narrativas, ora pelo caráter de complementaridade que ela agrega às produções simbólicas da região de fronteira sul-

–mato-grossense.

Outro grande tema regional é o drama dos ervais. O gaúcho Tomás Laranjeiras, auxiliar da comissão de limites do governo imperial, logo após a Guerra do Paraguai, palmilhando a mata da Serra de Maracaju, observou as árvores de erva-mate, que apareciam até o Apa. Trouxe gente do Rio Grande do Sul e iniciou a exploração da erva-mate, fundando com os irmãos Murtinho a Companhia Mate Laranjeira. Hernâni Donato, em seu livro *Selva trágica*, descreveu os conflitos na região ervateira, os homens escravizados no “inferno verde”.

Vários foram os estudiosos e escritores que reconheceram o papel relevante da obra de Donato, seja para a história regional sul-mato-grossense, seja para os estudos de interculturalidade e de fronteira e para o sentido de sua atualidade contemporânea como relato ou denúncia das narrativas e das histórias locais que redimensionam o papel da historiografia literária no subcontinente. Por fim, se a constante presença do nome de Hernâni Donato confirma sua representatividade neste contexto em que sua obra é abordada, como fez Guimarães Rocha (2011), ao destacar “as grandezas da literatura sul-mato--grossense”, por outro lado, ainda causa estranheza que antologias recém-publicadas (ROSA & NOGUEIRA, 2011; ROSA et al, 2013), ambas patrocinadas pelo FIC/MS, não façam referência ao nome de Hernâni Donato.

› *Referencias bibliográficas*

- Carvalho, T. F. (2003). Capítulo 6: Periodização e regionalização literárias; Capítulo 7: O próprio e o alheio no percurso literário brasileiro; Capítulo 8: Fronteiras da crítica e crítica de fronteiras. En ID., Tania Franco, *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada* (pp. 109-183). São Leopoldo: Unisinos.
- Diniz, D. & Coelho, H. (2005). Regionalismo. En Figueiredo, E. (Org.). *Conceitos de literatura e cultura* (pp. 415-433). Juiz de Fora: UFJF.
- Donato, H. (1956). *Selva trágica: a gesta ervateira no sul-mato-grossense*. São Paulo: Autores Reunidos.
- _____. (2011). *Selva trágica*. Taubaté, SP: LetraSelvagem.
- Glissant, E. (2005). *Introdução à uma poética da diversidade*. Juiz de Fora, MG: UFJF.
- Menton, S. (1993). *La Nueva Novela Histórica de la América Latina 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Mignolo, W. (2003). *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG.
- Miranda, W. M. (2010). "Local / Global". En Id. *Nações literárias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

- Morais, F. (2002). "I Bienal do Mercosul: regionalismo e globalização". En *Margens. Revista de Cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- Palermo, Z. (2005). *Desde la otra orilla: Pensamiento crítico y políticas culturales en América Latina*. Córdoba, Argentina: Editora Alción.
- Rocha, G.(2011). *Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense*. Campo Grande, MS: Life Editora.
- Rosa, M. (Ed.). (2011). *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul.
- Rosa, M., Nogueira, A.; Menegazzo, M. (org.) (2013). *Antologia de textos da literatura Sul-mato-grossense*. Campo Grande, MS: Life Editora.
- Santos, P. (2008). *Fronteiras do local: Roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense*. Campo Grande, MS: Editora UFMS.
- _____. (2012). *Entretextos – Crítica comparada em literaturas de fronteiras*. Campo Grande, MS: Life Editora.
- _____; Nolasco, E., Bessa-Oliveira, M. (2011). *Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul. Por uma conceituação de uma identidade local*. Campo Grande: Life Editora.
- Sarlo, B. (2007). *Borges: un escritor en las orillas*. Madrid: Siglo Veintiuno
- Sena, N. (2011). Nota do Editor: "Hernâni Donato e sua obra". En ID. (Ed.), *Posfácio a Selva Trágica de Hernâni Donato* (pp. 285-287). Taubaté: LetraSelvagem.
- Zokner, C. (1991). "Mensu: história e ficção". En ID. (Ed.), *Para uma crítica latino-americana*. Curitiba: Editora UFPR.